

TURISMO NÁUTICO



Foto: Filomena Sá Pinto

O Turismo Náutico é um tema cada vez mais falado, enquadrado numa macro visão do desenvolvimento da economia de mar.

Mas será que tem a capacidade necessária para se desenvolver?

Portugal encerra no seu território um potencial único, quer no que concerne a águas interiores, quer no que diz respeito ao mar. Este potencial permite que as empresas de animação turística e os operadores marítimo-turísticos construam uma oferta de produtos de Turismo Náutico variada e de grande qualidade e avancem para o mercado turístico europeu com um posicionamento competitivo relativamente a outros des-

tinios de Turismo Náutico, como é o caso de Espanha.

Atualmente a oferta existe, cresceu muito para além do que existia há uns anos atrás e foram atingidos os pressupostos de maturidade destas empresas, que permitem apresentar um elevado nível de profissionalismo e qualidade nos serviços prestados.

Algumas atividades de Turismo Náutico

CANOAGEM

Hoje em dia a canoagem já não se limita a simples descidas de rio. Atualmente fazem-se expedições de rio com dois ou mais dias de duração e canoagem de mar ao longo de costas únicas e abrigadas descobrindo grutas e praias selva-

gens. Podemos dar a volta a uma ilha (Madeira e Açores) ou navegar ao longo da costa de Portugal continental.

CANYONING

O Canyoning é uma atividade que nos últimos anos tem centrado grande parte da sua oferta em alguns rios do Norte de Portugal, como é o caso do Teixeira, do Poio ou do Frades, que são já bastante conhecidos.

Mas existe mais a explorar em Portugal continental, como é o caso das várias ribeiras do Parque Nacional da Peneda Gerês. Nas ilhas, a Madeira tem vários locais de grande qualidade para esta atividade e, nos Açores, corremos o “risco” de ser um dos melhores lugares do mundo para a prática do Canyoning. Na verdade já o somos, mas poucos sabem.

COASTEERING

O Coasteering é o “primo” marítimo do Canyoning: recorre a técnicas muito similares, mas adaptadas ao ambiente marítimo. Permite percorrer uma linha de costa (normalmente escarpada) onde o participante pode efetuar rappel, slide, escalada (psicobloc), saltos para água, natação e caminhada. Nasceu em 1999 no Reino Unido, onde já tem milhares de adeptos e até uma federação própria, praticando-se inclusive no inverno. Em Portugal tem mais expressão na costa da Arrábida/Sesimbra, dadas as excelentes condições que a região apresenta, mas existem outros locais possíveis como a costa do Cabo Roca, a costa algarvia, entre outros.

MERGULHO

O Mergulho é um dos principais motivos de viagem para quem procura Turismo Náutico. Em Portugal existem excelentes condições para a prática de mergulho e para se criar uma operação contínua e fora da época balnear, quebrando a sazonalidade. Temos um dos melhores climas na Europa, costas atlânticas voltadas a sul (águas calmas), como é o caso da Arrábida e todo o Algarve, e uma grande biodiversidade marinha como é exemplo o Parque Marinho Professor Luis Saldanha. Nas ilhas temos mergulhos com excelentes visibilidades, em naufrágios, com focas ou em locais arqueológicos. A oferta nesta área é feita por operadores muito profissionais, tendo alguns cerca de 20 anos de experiência.

VELA

Sempre fomos um povo de navegadores e esta modalidade do Turismo Náutico ocupa o 1º lugar na atratividade de turistas náuticos a nível europeu. Temos já alguma oferta nesta área,

centrada principalmente em Cascais e Oeiras e, sem sombra de dúvida, excelentes condições para a atividade. Mas há ainda muito para fazer nesta área e temos de olhar para os países que já o fizeram, como é o caso da Croácia, Grécia e Espanha, que trabalham o charter náutico de forma eficaz.

OBSERVAÇÃO DE CETÁCEOS

Nesta modalidade, todos pensamos de imediato nos Açores! Sem qualquer sombra de dúvida, os operadores marítimo-turísticos dos Açores souberam colocar as suas ilhas no mapa-mundo do turismo com este produto. Em Portugal Continental já existe alguma oferta como é o caso dos Roazes Corvineiros do Estuário do Sado ou algumas saídas feitas no Algarve.

SURF

Este é sem dúvida um muito recente e bom exemplo da capacidade de desenvolvimento de Turismo Náutico. O trabalho levado a cabo na área de Peniche e Nazaré tem-se revelado num desenvolvimento exponencial. De um momento para o outro, aquilo que todos os surfistas nacionais conheciam foi organizado como produto turístico e dado a conhecer a todo o mundo. Hoje, esta é uma das operações turísticas para a qual se olha com mais alegria. É um pouco este reflexo dinâmico que gostaríamos de ver em muitos setores económicos no nosso país. E parece que este sentimento se está a espalhar para outras zonas, pois toda a costa vicentina parece já ter “embarcado” nesta nova viagem de descobrimentos. Temos um país inteiro banhado por costa atlântica e, ao que parece, os melhores locais para prática de surf na Europa. Bom para iniciados e, logo na praia ao lado, excelente para bater records mundiais.

TEMOS CAPACIDADE?

Poderia continuar a descrever outras atividades de Turismo Náutico como, por exemplo, o rafting ou o windsurf e todos os seus potenciais, mas não posso deixar de voltar à questão inicial: a capacidade para desenvolver o potencial reconhecido.



Foto: Pocean Surf Academy



Fotos: Vertente Natural

E aqui a alegria é bem menor, pois está quase tudo por fazer.

Para percebermos um pouco isto, basta olhar para a nossa vizinha Espanha que, em 1998, se lançou na implementação do conceito de Estação Náutica.

Estação Náutica é um conceito em tudo similar a uma estação de ski, onde os serviços se agregam e se padronizam. Trata-se da criação de uma identidade clara posicionando no mercado turístico um determinado destino. Espanha tem hoje cerca de 30 Estações Náuticas e o volume de negócios cresceu 30% em 2011 (ano de crise!?).

Em 2004 houve 2 milhões e 800 mil viagens na Europa cuja principal motivação foi o Turismo Náutico. O crescimento deste produto turístico é de cerca de 10% ao ano. E poderíamos continuar a olhar para um rol de números que nos aguçam o gosto económico.

O que nos falta então para transformarmos o nosso potencial em realidade?

- Falta-nos infraestruturas.

Temos marinas e temos portos de Norte a Sul do país! Sem dúvida que sim. Mas não temos lugar para os barcos dos operadores marítimo-turísticos e, em muitos casos, não temos lugar para veleiros em trânsito.

Será que os portugueses têm assim tantos barcos que provoquem uma sobrelotação dos portos e marinas? Na verdade temos um dos rácios de barcos per capita mais baixos da Europa, 1 para cada 285 habitantes. O rácio da Alemanha é 1:111 e da Noruega é 1:7.

- Falta-nos legislação e fiscalização adequada. A atual lei da atividade marítimo-turística foi criada há cerca de 10 anos e obrigava as empresas a terem um cais de embarque e desembarque, caso contrário não se podiam licenciar. Cais este, relembre-se, que estava e está dependente de decisão das administrações portuárias e que ainda hoje, em grande parte dos casos, não existe. Esta obrigação levou a um deserto de investidores na área do Turismo Náutico, pelo simples facto de lhes ser negado o licenciamento. Com o novo enquadramento jurídico dos agentes de Animação Turística, publicado em 2009,

pôs-se fim a este requisito de licenciamento (estávamos perante uma pescadinha de rabo na boca: as administrações portuárias não criavam os cais de embarque porque não havia operadores, os operadores não se licenciavam porque não havia cais).

Em 2010, assistimos a um boom de licenciamentos e de oferta de produtos turísticos nesta área. Mas o decreto-lei 108/2009 não conseguiu resolver todos os problemas decorrentes do RAMT (Regulamento da Atividade Marítimo-Turística). Quando todos pensavam que finalmente se ia conseguir dinamizar este setor, “bate-se de frente” com normas desajustadas que novamente impedem o seu desenvolvimento.

A APECATE, conjuntamente com a ACOMTS, apresentou recentemente ao governo uma proposta de revisão urgente da atual lei (RAMT) que, a ser aceite pelas partes envolvidas, poderá resolver os problemas base da atividade.

No entanto, as dificuldades deste setor não se fecham aqui: na área da fiscalização, o mar precisa de ser revisto. Verificam-se situações muito graves e é do conhecimento geral no seio dos

operadores marítimo-turísticos que, se este tema não for abordado pelo governo num futuro breve, as alterações legislativas terão pouco efeito na dinamização dum setor com potencial único no país.

Temos então a capacidade? A resposta a esta pergunta é muito mais complexa do que parece. Tem que ser respondida por todas as entidades envolvidas, privadas e públicas, porque o Turismo em geral - e a atividade marítimo-turística em particular -, é uma atividade transversal que exige o encontro de muitas vontades ... e estas vontades são, sem dúvida, a coesão de que Portugal precisa.

Na APECATE respondemos que sim. Os agentes de Animação Turística têm capacidade para afirmar o Turismo Náutico e basta-lhes olhar para a sua própria história para saberem que o caminho para a estruturação de um setor de atividade económica promissor nunca é deixar cair os braços ou chover no molhado: é identificar problemas e propor soluções. ▣

José Saleiro, Vertente Natural

